

Cadernos de tradução (Porto Alegre) - 2000 n.10 abr/jun

Cadernos de Tradução

P
400
A1Z

Instituto de Letras




UFRGS
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Nº 10
Abril-Junho 2000

Cadernos de Tradução

Instituto de Letras

Nº 10 – Abril-Junho de 2000

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	3
CONTOS.....	7
O SEGREDO.....	9
Massimo Bontempelli	
<i>Tradução: Cláudia Bressan e Geanine Pereira</i>	
NO LUGAR DE COSTUME	13
Dino Buzzati	
<i>Tradução: Lígia Rockenbach, Paulo Barrufi e Eunice dos Santos</i>	
A BELA DOS ESPELHOS	19
Mario Tobino	
<i>Tradução: Janisa Scmazzon Antoniazzi</i>	
O TELEFONEMA DE NATAL	25
Alberto Bevilacqua	
<i>Tradução: Silvia Catarina Rossi</i>	
ENSAIO.....	31
VISUALIZAÇÃO DOS PROCESSOS DE TRADUÇÃO: OS PROVÉRBIOS E AS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS	33
Graziella Tonfoni e Laura Turbinati	
<i>Tradução: Cláudia Bressan</i>	

Cadernos de Tradução

do Instituto de Letras

Diretora: Prof^ª. Maria Cristina Leandro Ferreira

Vice-Diretora: Prof^ª. Sara Viola Rodrigues

COMISSÃO EDITORIAL

Prof^ª. Sônia Terezinha Gehring

Prof^ª. Patrícia Chittoni Ramos

Prof^ª. Érica Sofia Schultz

Organizadora deste número: Prof^ª Susana Termignoni

Capa e Editoração: Leandro Bierhals Bezerra - Núcleo de Editoração Eletrônica do Instituto de Letras

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Letras

Av. Bento Gonçalves, 9500 CEP 91540-000 Porto Alegre-RS

Fone: (051) 3166689 Fax: (051) 319-1719

<http://www.ufrgs.br/iletras>

E-mail: iletras@vortex.ufrgs.br

Apresentação

Foi com grande satisfação que recebi da Diretora do Instituto de Letras, Profa. Dra. Maria Cristina Leandro Ferreira, a quem agradeço a confiança e a oportunidade, a incumbência de organizar esta edição dos *Cadernos de Tradução*, especialmente dedicada ao Italiano.

Nesta ocasião, não poderia deixar de mencionar o nome da Profa. Maria Feoli Guaragna, querida mestra e grande incentivadora, cujo entusiasmo pela arte de traduzir contagiou sobremaneira os que tiveram o privilégio de serem seus alunos e de conviverem com ela durante sua passagem pelo Instituto de Letras.

Sempre em busca de novos textos para utilizar nas disciplinas de tradução, ela os selecionava visando a propiciar aos alunos não apenas o desenvolvimento de suas habilidades, mas também uma experiência concreta da tarefa e da responsabilidade do tradutor, imaginando, talvez, poder publicá-los um dia. Naquela época, o Projeto *A tradução no Instituto de Letras - da teoria à prática* e uma publicação específica para a área, como são os nossos *Cadernos de Tradução*, ainda não eram uma realidade. É, pois, com alegria, que incluímos entre os textos aqui traduzidos o conto *No lugar de costume*, de Dino Buzzati, trabalho realizado por um grupo de alunos sob sua orientação.

Além deste, a presente edição contempla outros três contos e um ensaio, textos trabalhados com alunos das disciplinas de Tradução do Italiano IV, que prevê o desenvolvimento das habilidades de traduzir um texto literário, e de Estágio Supervisionado de Tradução.

A seleção dos contos não obedeceu a nenhum critério pré-estabelecido. Foram marcantes, talvez, apenas pela sua beleza literária e pelo entusiasmo com que alunos e professores dedicaram-se ao desafio de traduzi-los. Observando, porém, mais atentamente, pode-se dizer que há um fio condutor que, de certa forma, os interliga.

Quer engajados a correntes e movimentos literários, quer percorrendo solitariamente suas experiências, todos os quatro autores focalizam nestes contos situações complexas e atormentadas vividas pelo homem contemporâneo: uma jovem que, através de uma profunda desilusão amorosa, descobre o segredo da juventude; a morte lenta de um cão, prisioneiro entre as paredes da casa de infância do seu dono; uma jovem apaixonada pelos espelhos, desesperadamente à procura da eterna juventude; um telefone que rompe a solidão de uma noite de Natal. O escorrer inexorável do tempo, a angústia da morte, a solidão.

Bontempelli e Buzzati estão entre os autores que produziram uma série constante e contínua de páginas fantásticas nos anos anteriores à Segunda Guerra Mundial, produção que constituiu um grande filão narrativo para a literatura italiana, tanto que se chegou a falar de um "surrealismo particular italiano".

Na Itália, somente depois da experiência futurista e, mais em geral, das vanguardas literárias, a narração fantástica começa a conquistar progressivamente o seu espaço junto à consolidada tradição realista, muitas vezes entrelaçando-se com ela, ora de forma claramente declarada, como na poética do realismo mágico de Bontempelli, ora de forma subterrânea, quase que mimetizada sob uma aparência mais realística, como se observa nas obras “nêo-realistas” de Italo Calvino.

O verdadeiro precursor da linha fantástica na Itália é Alberto Savinio, desde a juventude imerso no clima parisiense dos anos dez e vinte, ligando-se depois ao futurismo e, mais estreitamente, ao dadaísmo e ao surrealismo francês. Nos seus contos, faz falar os móveis, registra alucinantes apocalipses e até a autobiografia escorrega em uma deformação surreal.

Massimo Bontempelli (1878-1960), autor do conto *O Segredo*, cuja tradução apresentamos neste número, é herdeiro direto deste tipo de literatura. Fundador e incentivador da revista “900” (1926), que propunha um programa de renovação voltado para a literatura fantástica, nas suas melhores obras Bontempelli nos brinda com algumas histórias absolutamente impossíveis e absurdas, mas buriladas com a mesma minúcia de uma história realista: a rarefação da atmosfera é acompanhada por uma alucinada precisão dos detalhes. Bontempelli teorizou e praticou uma espécie de neoclassicismo que ele definiu “realismo mágico”, uma arte capaz de extrair, através do jogo da inteligência e da ironia, o aspecto fantástico dos fatos cotidianos. Escreve Bontempelli na revista “900”: “A imaginação não é o florescer do arbitrário e muito menos do impreciso. Precisão realista de contornos, solidez de matéria bem apoiada no solo; e, em torno, como que uma atmosfera mágica que faça sentir, através de uma inquietação intensa, quase uma outra dimensão na qual nossa vida se projeta. Este é o *realismo mágico* que encontra os seus precedentes em alguns pintores de 1400 (...) pelo seu realismo preciso, envolto em uma atmosfera de estupor lúcido e que pode ser remetido ao surrealismo, desde que se entenda que a arte consiste não em nos dar o surreal puro (que não quer dizer nada), mas em descobrir e indicar o surreal no real.”

Ao realismo mágico, Bontempelli permaneceu substancialmente fiel nas suas numerosas obras narrativas, cujo elemento característico, no plano estilístico, é a lucidez da escrita, capaz de envolver objetos extremamente nítidos em uma atmosfera que parece lembrar a da pintura metafísica. Em 1953, ganhou o Prêmio Strega pelo volume de contos *L' amante fedele*.

Por sua vez, Dino Buzzati (1906-1972) retoma, na sua narrativa, algumas experiências da literatura européia: o surrealismo e o pessimismo kafkiano. Escreveu contos de forte tensão fantástica, atingindo o seu melhor resultado com o romance *O deserto dos tártaros*, de 1940, traduzido em diversas línguas, inclusive em português. Em 1958, recebeu o Prêmio Strega pela obra *Sessanta Racconti*.

Nos seus contos, como um atento cronista, registra aventuras insólitas, acontecimentos estranhos e angustiantes que constituem a matéria para uma investigação do profundo mistério que envolve o homem contemporâneo, da sua

alucinada solidão, do mistério absoluto que sela a angústia da morte. Alegorias inquietantes e fantásticas invenções científicas estão presentes em crônicas que remetem a possíveis realidades metafísicas coexistentes nas suas páginas repletas de uma atmosfera mágica. Intelectual refinado e cético, cultiva as próprias idiossincrasias e as lança em formas narrativas e visivas, onde o evento fantástico constitui uma possibilidade de fuga da realidade.

Já Mario Tobino (1910-1991), vencedor do Prêmio Viareggio de 1976 com o conto *A bela dos espelhos*, é um escritor independente de qualquer escola literária. Médico psiquiatra, ainda jovem Tobino começou a trabalhar no manicômio de Maggiano – denominado literariamente Magliano – que assumiu, na sua vida e obra, o aspecto de um lugar quase que sagrado. Com uma vocação profundamente humanitária, Tobino lá permaneceu por quarenta anos, como psiquiatra e diretor. Maggiano foi a sua casa, o lugar onde escreveu seus livros, não tendo nunca constituído uma família. Verificou-se, assim, uma perfeita simbiose entre o psiquiatra e o escritor. Para Tobino, a literatura não é uma forma de evasão; ao contrário, justamente na sua atividade profissional ele vai buscar a inspiração para muitas de suas obras (*Le libere donne di Magliano*, *Per le antiche scale*, *Gli ultimi giorni di Magliano*). Através do duro segredo da loucura o escritor sondou o desconhecido do ser humano e os aspectos mais atormentados e inquietantes da existência. Em seus livros, sempre privilegiou as pessoas simples, pobres, doentes, convencido de que o ser humano tem uma dignidade independente da sua “veste mundana”. Até as pobres personagens do manicômio, não obstante a doença, têm sua complexidade e riqueza. Sobre a inspiração que o levou a escrever *A bela dos espelhos*, ao descrever uma paciente convicta de ter-se casado com o demônio e de poder maltratá-lo quando quisesse, Tobino comenta: “Era a imagem de uma poderosa personalidade, de uma capacidade fantástica profunda, era a expressão daquele mistério maravilhoso que é o ser humano” (in *A bela dos espelhos*).

Alberto Bevilacqua (1934), autor do conto *O telefonema de Natal*, é o mais jovem dos escritores aqui traduzidos. É também crítico, jornalista e diretor cinematográfico (dirigiu inclusive filmes baseados em suas obras) e não pertence a nenhuma corrente ou tendência literária específica. Está entre os intelectuais da sua geração preocupados com a renovação da tradição literária italiana, tanto através da investigação dos problemas do mundo contemporâneo, quanto através de temáticas mais tradicionais – analisadas, porém, à luz da cultura atual – ou, ainda, mediante a construção de uma língua literária mais moderna.

Suas primeiras obras denotam a influência do neo-realismo tardio. Os personagens fundamentais de uma parte da sua produção são os homens do povo, com o seu amor pela liberdade, suas lutas, suas personalidades insolentes. A partir daí, passa a fazer uma análise sutil da educação burguesa, centralizada, por detrás das aparências, na prevaricação e na violência. De modo geral, toda a obra de Bevilacqua pode ser lida como uma investigação do homem contemporâneo e sua

dificuldade de adaptar-se e de viver. Um percurso narrativo que passa pelo naturalismo e pelo psicologismo, usando o deboche e a ironia.

Também incluímos nesta edição a tradução do ensaio “*Visualização dos processos de tradução: os provérbios e as expressões idiomáticas*”, de Graziella Tonfoni e Laura Turbinati, uma contribuição enriquecedora para a comunidade acadêmica na área da Teoria da Tradução.

Por fim, um agradecimento especial à Profa. Maria Teresa Albiero, pela leitura atenta e as observações perspicazes.

Profª Susana Termignoni¹

¹ Coordenadora do Setor de Italiano do Instituto de Letras da UFRGS

O Segredo



CONTOS

O Segredo

Autor: Massimo Bontempelli

Tradução: Cláudia Bressan e Geanine Pereira¹

Orientação: Profª Susana Termignoni

Canuto está pensando que cinquenta anos é uma vida, e longa. Uma vida que ele começou com um ato de covardia. Até os vinte e cinco anos não conta, é uma idade em que não se reflete, que depois se joga fora e então, começa-se a viver seriamente. Canuto a jogou fora com um ato vil, que o levou para longe de sua cidadezinha e começaram cinquenta anos de vida séria: trabalhar, enriquecer, arruinar-se, trabalhar, reerguer-se; e isso umas três, quatro vezes, nem sabe mais quantas.

Hoje, tem setenta e cinco anos e volta para casa. Durante meio século, conseguiu não repensar em momento algum o passado; agora o reavalía por inteiro, desde o dia em que partira, aos vinte e cinco anos, quando estava prestes a se casar com Ilaria, que tinha vinte e dois anos e era belíssima. Mas, na véspera do casamento, Canuto fora dominado por um medo vertiginoso. De repente, descobrira que não estava mais apaixonado, torpemente sentira desencadearem-se dentro de si todas as ambições que o amor, por algum tempo, sufocara. As núpcias iminentes apresentaram-se diante dele como um abismo à sua espera: deu as costas para o abismo.

Na manhã da véspera, preparou rápida e furtivamente a partida como se prepara uma fuga, mas não quis que fosse uma fuga. Mandara as malas para uma cidade vizinha; antes de pegá-las, dirigiu-se à casa de Ilaria para comunicar-lhe com franqueza sua decisão. Pensou ainda: «Talvez Ilaria me mate, mas é pouco provável. Veremos.» Chegou próximo à sua casa, que era um pouco afastada da cidade em um grupo de casas em direção ao monte. O lugar era deserto e ensolarado. Vendo aquela janela, sentiu um aperto no coração. Para refazer-se, refugiou-se em uma cavidade do muro, sentou-se em uma pedra. Ouviu um barulho do alto da parede de frente. A janela de Ilaria se abria (um tronco lhe permitia ver sem ser visto). Ilaria apareceu na janela. Seus braços nus lançavam raios de luz, ela bateu palmas como uma criança; então, dirigindo-se a alguém que devia estar na janela em frente, Ilaria gritou: «Amanhã me caso, amanhã de manhã, estou tão feliz!» E começou a cantar.

¹ Alunas do Curso de Bacharelado em Letras - Português/ Italiano, graduadas, respectivamente, em 1998 e 1997.

Naquele instante, Canuto perdeu a coragem. Assim que Ilaria retirou-se, Canuto fugiu, chegou à cidade vizinha, de lá mandou-lhe uma carta de despedida e, rapidamente, de trem em trem, sem deixar rastro, chegou a um porto, embarcou, foi para a América e lá permaneceu por cinquenta anos.

Durante algum tempo, não soubera mais nada de Ilaria. Dois anos mais tarde, um contêrnêo seu, também vindo de além-mar para tentar a sorte, contou-lhe que durante um certo período Ilaria correria perigo de vida e que depois entrara em um estado de doce loucura, no qual acreditava estar sempre na véspera das núpcias. Essa demência a havia salvado. Mais tarde, os poucos parentes que Canuto deixara na cidade, um após o outro, foram morrendo. E assim passaram-se alguns anos ou décadas.

Aos setenta e cinco anos, eis que Canuto volta à sua cidadezinha. Acredita que Ilaria tenha, hoje, setenta e dois anos. Talvez tenha morrido.

A estação da cidade era nova, novo o hotel no qual Canuto ficou (e ninguém reconheceu o seu nome), novas as ruas que na manhã seguinte ele percorreu ao acaso: não encontrou mais a casa onde nascera e vivera até os vinte e cinco anos. Depois do meio-dia, Canuto atravessou a última parte da cidade rumo ao monte; foi em direção ao campo, onde havia um pequeno grupo de casas, uma das quais fora a morada de Ilaria. Aquela região permanecera inalterada. Canuto sentia seu coração bater. Foi se aproximando e eis que à sua frente surgiu aquela janela. Sentiu um aperto no coração, um nó na garganta. Avistou o marco de pedra quebrado, onde no último dia sentara e, sem ser visto, a vira pela última vez. Sentou-se. Escondido na antiga cavidade, fixou o olhar naquela janela. Não sabe exatamente quanto tempo ficou assim. Talvez alguns minutos, sob o sol de maio, com os olhos lá, fixos; quando se ouviu um barulho e a janela se abriu.

Uma mocinha apareceu, e Canuto, com esforço, conteve-se para não gritar: «Ilaria!» Era belíssima, suas tranças negras parecia que queimariam se tocadas, os braços nus lançavam raios de luz: Ilaria de outrora. E ela bateu palmas como uma criança. Depois, voltando-se para alguém que devia estar na janela de frente, gritou: «Amanhã me caso, amanhã de manhã, estou tão feliz!» E começou a cantar.

Canuto pressionou os olhos com as mãos, como querendo afundá-los: morrendo de medo, olhou novamente. Ela. Depois, ela se afastou, entrou no quarto, e ainda podia se ouvir o seu canto cheio de alegria.

«Não é alucinação», pensou Canuto. «Uma filha de Ilaria, claro. O incrível é que também se case amanhã, que o anuncie da janela como ela fizera outrora.»

Voltou a si, obrigou-se a ficar calmo. Subiu, bateu à porta com determinação.

Veio abrir-lhe a mocinha. Mesmo de perto, a semelhança era impressionante. Tendo-se preparado, foi logo dizendo:

«Cheguei agora... sou um velho amigo da família...» A mocinha o interrompeu e, sem surpreender-se e com grande alegria, disse:

«Oh! Entre, entre, o senhor veio para as núpcias, obrigada, obrigada, fique à vontade, estou tão feliz!»

A mesma voz, os mesmos olhos, nenhum traço diferente da outra, a avó. Perguntou:

«Como você se chama?»

A mocinha, surpresa, responde:

«O senhor não sabe? Ilaria.»

Até o nome, da avó. Canuto sente-se empalidecer.

Queria saber se a avó ainda estava viva. Pergunta:

«Quantos anos você tem?»

«Vinte e dois. Como soube que me caso amanhã?»

Ao invés de responder, ele faz uma estranha pergunta:

«Como se chama o seu noivo?»

Ilaria iluminou-se toda:

«Ele tem um nome belíssimo, o nome de um grande rei, um rei antigo, da Dinamarca: chama-se Canuto.»

Canuto agarrou com força o braço da poltrona, um estrondo surdo cingiu-lhe a cabeça. A mocinha nem se deu conta, movia-se pela sala leve como uma pluma, correu para uma das janelas, onde o sol despejava seus raios, e de lá gritava a alguém: «Amanhã me caso, amanhã de manhã», depois retirou-se para a outra sala, cantando. Uma porta se abriu e entrou uma senhora idosa. Canuto disse balbuciando:

«Sou um velho amigo da casa, venho de longe, estive ausente por... muitos, muitos anos... A família...»

«Oh! Senhor» gemeu a mulher «não há mais ninguém da antiga família, exceto ela (apontou com a cabeça para a outra sala de onde vinham as notas mais agudas do seu canto de alegria): sou uma sobrinha distante, ainda jovem vim morar com a tia, para cuidá-la...»

«A tia?»

«Sim, tia Ilaria, não a viu? Há muitos e muitos anos sofreu uma grande desilusão: o noivo a abandonou na véspera do casamento, ela enlouqueceu.»

«Mas esta?... esta jovencinha?...»

«Oh! É tia Ilaria, tem setenta e dois anos, desde aquele dia nunca mais se recuperou, passaram-se cinquenta anos e pensa sempre estar exatamente naquele dia, na véspera do casamento; por isso aparenta ter a mesma idade que tinha naquela época: não sei como lhe explicar...»

Canuto não respondeu. Tremia; foi embora; e não tornou mais a olhar a janela de Ilaria, Ilaria que soubera parar no tempo, Ilaria que, suprimindo em si o tempo, sozinha descobrira o desesperado segredo da juventude.

No Lugar de Costume

Autor: Dino Buzzati

Tradução: Lígia Rockenbach, Paulo Barrufi e Eunice dos Santos¹

Orientação: Prof^a Maria Feoli Guaragna²

Após um silêncio de vinte anos a fechadura estalou e a porta deixou Giuseppe Coro entrar na casa cheia de pó e de silêncio.

Embora ainda não fosse noite, pelas janelas fechadas não entrava nada mais que fraquíssimos raios de luz, e bem pouco se podia ver. Acendendo uma pequena lanterna, Giuseppe Coro avançou pelo longo corredor de entrada, olhando atônito as paredes entre as quais vivera em criança, e que por vinte anos haviam ficado abandonadas. Depois ele subiu um lance de escada e entrou diretamente na ampla sala da lareira, o coração da casa, onde a família, pode-se dizer, havia traçado o próprio destino.

Abriu com dificuldade os batentes de uma janela e olhou para fora, para o retângulo coberto de mato que outrora fora um jardim. Era um entardecer melancólico de setembro, com densas nuvens no céu.

Em outros tempos, aquele pedaço de terreno abandonado havia sido um jardim. Giuseppe Coro só guardava sua imagem nos dias de sol resplandecente, com seus caminhos brancos que contornavam os canteiros, e um suave zumbido de insetos, insetos inofensivos entre os quais ele e seus irmãos brincavam sem preocupações. E também as noites, naquela época distante, eram sempre serenas, a lua fazia sua viagem curvilínea no céu, ouvia-se apenas o murmurar da fonte e algum canto longínquo, o jardim emanava uma luz serena e tranquilizante diante da casa adormecida.

Aqueles tinham sido os anos bons e felizes que todos os homens vivenciam, de alguma forma, neste mundo; anos dos quais se perdeu o rastro e que jamais poderão retornar. Apoiado no peitoril da janela, olhando os campos silenciosos, Giuseppe Coro relembrava aqueles tempos, quando, do interior da sala, uma voz lhe falou:

“Boa noite, Giuseppe.”

“Quem é?” perguntou Giuseppe Coro, agitado. Mas na verdade ele sabia perfeitamente quem havia falado. Era a alma da velha casa, que residia no interior da lareira, na mesma direção de um brasão de pedra incrustado na sua fachada.

¹ Alunos do Curso de Bacharelado em Letras – Português/ Italiano no ano de 1993.

² Professora do Setor de Italiano do Instituto de Letras da UFRGS, de 1974 a 1996, quando veio a falecer.

Dela, Giuseppe recordava-se vagamente, mas, retornando à casa após tanto tempo, não tinha certeza se aquela tinha sido uma fantasia de criança ou algo real. Certamente teria preferido que a alma não existisse.

“Boa noite, Giuseppe”, repetiu o espírito sem dar importância à pergunta.

“Boa noite”, respondeu Coro, como se dissesse que havia entendido.

Giuseppe ficou perturbado. Embora ele não lembrasse bem, devia tratar-se de um espírito ríspido e severo. Sabe-se lá quanta irritação ele havia cultivado naqueles vinte anos de abandono. Que tédio justificar-se.

Ao contrário, o espírito da casa manteve-se calado, e foi novamente Giuseppe quem rompeu o silêncio.

“Vim apenas dar uma olhada – disse. Devo partir sem demora.”

O espírito não fez nenhuma objeção. Então Giuseppe Coro olhou ao seu redor com mais atenção, para reconhecer, na penumbra da sala, os móveis, os cantos, as paredes que outrora haviam sido a sua vida.

Tudo estava como antes, excetuando a densa camada de pó, o cheiro de mofo e aquela estranha atmosfera que se forma nas casas desabitadas por muito tempo. O olhar de Giuseppe se deteve com curiosidade sobre um estranho objeto esbranquecido que se destacava em um canto.

Reacendendo a pequena lanterna, para lá dirigiu o facho de luz. Era um esqueleto de animal.

“O que é isto?” perguntou Giuseppe, voltando-se para a lareira com voz assustada.

“É Giusto, o cão, deverias saber”, respondeu a alma da casa em tom pacato.

Giuseppe Coro sentiu um arrepio. Naqueles vinte anos, nem sequer uma vez se lembrara de Giusto, um cão pertencente a uma fazenda não muito distante, que se havia afeiçoado aos Coro e com eles vivia quando a casa era habitada. Um cão qualquer, com o aspecto de um legítimo vira-latas, simples e fiel.

Jamais havia pensado nele naqueles anos. E no entanto, agora Giuseppe Coro compreendia o que era aquela sensação incômoda e inexplicável que de vez em quando aflorava dentro de si no decorrer da longa ausência. Agora se recordava perfeitamente que, após ter deixado a casa naquele outono remoto, fora atormentado dias e dias por um vago pensamento. Com o passar do tempo, a sensação penosa amenizara, repetia-se a intervalos cada vez mais distantes, até praticamente desaparecer. Mas, de vez em quando, nas mais diversas ocasiões, aquela vaga preocupação ressurgia como um raio em sua mente, obscura e repentina lembrança do passado.

Agora tudo estava claro, agora se explicava o penoso tormento, agora se explicava aquele misterioso fermentar no fundo da consciência. Antes de deixar a casa pela última vez, Giuseppe Coro, ainda garoto, combinara com os irmãos que se encarregaria de devolver Giusto ao dono, para que cuidasse dele. No entanto, esquecera-se completamente, e o cão, por descuido, ficara preso da casa.

Agora tudo estava claro, no entanto vinte anos haviam passado, e do cão Giusto nada mais restava além daqueles pequenos ossos amontoados no canto da sala. Giuseppe Coro sentia crescer dentro de si uma angústia indescritível ao avaliar a crueldade ocorrida, que ninguém mais podia reparar. Voltou-se suplicante à lareira, como se pedisse misericórdia. De toda a casa, das outras peças escuras, dos móveis que pareciam adormecidos, lá dos sótãos assombrados, dos recantos dos porões, parecia-lhe que se descarregava contra ele um ódio cultivado ao longo dos anos. O cão Giusto estava morto, e bem morto. Mas as testemunhas ainda estavam presentes, assim como Coro as deixara, os móveis imponentes, os quadros com estranhas faces desbotadas, os livros que espiavam dissimulados das estantes sonolentas. Lá fora começava a chover.

“Diz, espírito da casa!” gritou Giuseppe Coro em meio ao insuportável silêncio, suplicando ajuda. “Fala que não foi culpa minha! Fala, pelo amor de Deus”.

“Os anos já apagaram tudo”, disse a casa. “Tudo está encerrado no livro do tempo. Para que recordar o triste fato?”

“Ainda assim, conta-me”, implorou Giuseppe Coro, pois lhe parecia que somente o espírito da casa poderia libertá-lo do peso que o oprimia.

“Logo me dei conta”, disse o espírito, “e procurei chamar-te naquela manhã, mas todos vocês tinham saído e já estavam trancando a porta.”

“Ele adormecera no lugar de costume”, continuou, “lá onde estão seus ossos, e ninguém percebera. Acordou quando o sol já estava alto e não compreendia por que todos os batentes estavam fechados e não se ouviam as vozes que costumavam vir da cozinha.

“Começou então a circular pela casa, farejando por todos os cantos, procurando algum de vocês. Continuou assim, em silêncio, correndo sempre, até anoitecer. Estava com a língua de fora e muito ofegante. Quando caiu a noite, começou a procurar comida. Na cozinha havia um pedaço de pão, caído debaixo de um armário. E nada mais. O restante tinha sido fechado à chave.”

“E para beber, não encontrou nada?” interrompeu Giuseppe Coro.

“Beber sim, podia beber”, disse a casa, “a torneira de uma pia não estava bem fechada e caíam algumas gotas. Ele se apoiava na borda e lambia a pia molhada.

“E quando, quando foi que percebeu que estava preso?” perguntou ainda Giuseppe Coro.

“Foi no dia seguinte, lembro-me como se fosse hoje. Havia cochilado aqui e ali sem saber se era noite ou dia, porque os batentes estavam fechados. Mas quando amanheceu, Giusto percebeu muito bem, porque ouviu os galos e depois os pássaros cantarem lá fora, no jardim. Então começou a latir. Oh, que som terrível, atravessava as paredes e se espalhava pelos campos desertos! Mas nos arredores não havia nem um camponês, e ninguém apareceu para libertá-lo.

“Dois dias, quase sem interrupção, dois dias e duas noites continuou a latir. Ele acreditava ter ficado só. Entretanto ali estávamos nós, todas as coisas desta casa, que também a vocês humanos pareciam mortas. Ali estávamos nós e nada podíamos fazer, porque justamente nós o mantínhamos preso.

“Ele se debatia contra a porta. Abre, deixa-me sair, gritava, quantas vezes te arranhei com as unhas e estraguei tua pintura, eu sei, mas não me deixes morrer por causa disto. E a porta bem que teria preferido deixá-lo sair, pelo menos para fazer cessar aqueles uivos obsessivos. E o que mais poderia fazer a porta, trancada como estava?

“Sabe-se lá onde tu estavas aquele dia, Giuseppe, talvez brincando com os teus amigos, ou à mesa com os teus, dormindo despreocupadamente na tua cama confortável, enquanto aqui acontecia aquele horror.

“Na terceira noite, dois camponeses que passavam pela estrada, em direção ao rio, ouviram os latidos e pararam. Eu os via de longe e também ouvia o que diziam. Escuta como late, dizia um, parece que está acontecendo alguma coisa. Todos os cães latem à noite, dizia o outro, que mais pode ser? Inclusive, três noites atrás não consegui pregar olho por causa daquele maldito animal dos De Colle, que tinha visto algumas sombras, quase desci para dar uns tiros. Pode até ser, dizia o primeiro, mas de animais eu entendo, e estes latidos não me parecem normais.

“Tudo, eu te juro, tudo eu teria dado para que aqueles dois viessem ver ou avisassem alguém, teria até mesmo deixado que estas paredes incendiassem. Mas eles, ao invés, seguiram seu caminho e logo desapareceram.

“Parou de latir no quarto dia. Lembro-me que era um dia esplêndido e todo o campo estava em festa. Ele já estava irreconhecível, com os olhos saltados, a língua seca, as pernas tão bambas que não mais o sustentavam. Arrastava-se de uma peça a outra e de quando em quando arranhava a porta.

“Os ratos, até mesmo os ratos, que ele normalmente massacrava, também eles tiveram misericórdia. Quando Giusto não os via, deixavam no corredor uns pedacinhos de pão e outras coisas, que não sei onde conseguiam. Mas era preciso muito mais. Também eles acabaram cansando, porque perceberam que era um trabalho inútil. Com o focinho fora dos buracos, ficavam a observá-lo enquanto se arrastava para cima e para baixo, sem descanso, torturado pela fome.

“Já quase não latia, um ou dois latidos de vez em quando, como se repentinamente sentisse uma absurda esperança, que porém logo o abandonava. A vida seguia tranqüila lá fora. Chegavam, como de costume, os sons dos sinos, os disparos de algum caçador, o canto dos pássaros, de vez em quando o rumor de uma carroça que passava em direção ao rio.

“No quarto dia, à noitinha, um outro cão, não sei de qual camponês, ouviu os seus apelos e começou a responder-lhe. Mas estava muito distante e os dois não conseguiam entender-se bem. Neste meio tempo, Giusto começava a perder a voz. Depois de algum tempo o outro não conseguia mais ouvi-lo; porém, de vez em quando, eu o ouvia chamar, por escrúpulo, pedindo notícias. Então Giusto,

tremendo, punha-se de pé, erguia a cabeça em direção ao teto para obter tanta voz quanto possível, mas não conseguia emitir mais do que um mísero ganido.

“Enfim deu-se conta que precisava morrer. Ele teria desejado, como tantos outros animais, refugiar-se em um lugar deserto, em um canto escondido do campo, em algum pequeno vale discreto ou à beira do rio, onde passam somente os corvos. Entretanto, o destino lhe reservou uma morte de burguês, lá, no canto, no seu lugar de costume, onde outrora costumava adormecer nas tardes quentes de verão, enquanto tu, sentado, ficavas lendo.

“No sétimo dia deitou-se e depois não caminhou mais. Pensei que quisesse morrer debaixo da pia, porque até o seu último suspiro, lá podia ao menos livrar-se do tormento da sede. Mas ele preferiu não beber, para poder recolher-se ao seu antigo lugar que lhe fazia lembrar dias felizes.

“Movia a cabeça de um lado para o outro, sem um instante de trégua e gania bem baixinho um pranto resignado. Havia, lembro-me, um frágil raio de sol que penetrava através de um batente e que em torno das quatro da tarde tocava-lhe a cauda, depois passava por todo o seu corpo e se apagava com o pôr-do-sol, quando chegava a iluminar-lhe a cabeça.”

“E morreu raivoso?” perguntou Giuseppe Coro, com uma certa esperança.

“Não”, disse o espírito da casa. “Foi justamente no décimo dia. Visto que ele não mais se mexia, os ratos se puseram a observá-lo da entrada da sala. Um deles havia trazido um pedaço bem grande de queijo, à guisa de último recurso, mas seus companheiros não deixaram que o levasse. É inútil, diziam, é tarde demais. E tinham toda a razão. Ouvia-se, no silêncio, sua respiração ofegante que se tornava cada vez mais difícil. O ganido cessara.

“Nove dias já haviam passado. Ouvi dizer que outros cães sobreviveram sem comer por muito mais tempo, mas te garanto que não me enganei na contagem. Recordo-me de cada um daqueles dias terríveis, poderia dizer-te quantas vezes ele entrou em cada peça, quantas vezes enfiou o focinho entre as barras da pequena grade que leva até o porão e quantas vezes ele foi beber.

“Nove dias haviam passado, e também o último relógio, já sem corda, havia parado. Eram, aproximadamente, nove e meia da manhã. Ele tinha fechado os olhos, como se fosse um sono habitual. Felizmente, lá fora, no jardim, havia naquela hora diversos passarinhos, seis ou sete cardeais, lembro-me, que tinham pousado sobre a bétula do canto. Podiam ser ouvidos claramente também aqui dentro. De olhos fechados, ouvindo aquele canto de pássaros, ele certamente imaginava encontrar-se na margem do rio, embaixo de uma grande árvore, ao ar livre, e estar completamente só, como requer a dignidade da morte. Quando sua respiração cessou, também os passarinhos alçaram vôo.”

A velha casa silenciou, Giuseppe Coro estava imóvel, apoiado no peitoril, de costas para o campo. Ouvia-se o gotejar da chuva. Através da janela aberta penetrava uma sensação de paz nas peças escuras, expulsando as tristes sombras ali acumuladas.

“É necessário sepultá-lo”, disse Giuseppe Coro. “No lugar que mencionaste, à margem do rio. Em um gramado, embaixo de uma árvore.”

“Sim”, disse o espírito da casa. “Sem dúvida ele gostaria que assim fosse.”

A Bela dos Espelhos

Autor: Mario Tobino

Tradução: Janisa Scomazzon Antoniazzi¹

Orientação: Profª Susana Termignoni

Lucida Mansi ficou viúva aos 22 anos. Tinha olhos muito negros que acrescentavam algo de irrefreável à perfeição oval do rosto. Para celebrar a morte do marido, vestida de luto fechado, foi vista na igreja com mais frequência, e a cor da roupa a tornava ainda mais esbelta, o âmbar da pele sobressaía mais delicado, os cabelos brilhantes de corvo surgiam entre a desordem dos véus. Sabia que era bonita, mas naqueles primeiros dias, pela curiosidade que despertava, pelos homens que a olhavam com mais liberdade, pela nova condição de riquíssima proprietária, olhou-se com mais atenção e extasiou-se consigo mesma: uma alegria, como uma lufada de vento, lhe sorriu no ânimo; e começou a flertar com os espelhos.

Em 1600, o século em que Lucida viveu, os ouros, os veludos, as sedas, os estuques, os macios cordões coloridos convidavam a adorar a carne. A vila de Lucida estava situada na colina que vê o Serchio estender-se pela ampla planície que o embala até o mar. Na margem esquerda resplandecia, e ainda fervilha, a cidade de Lucca, extraordinária pela sua sagacidade no comércio, confinada nos muros, densa de torres e igrejas.

Os salões da vila de Lucida sucediam-se violeta e damasco; os candelabros túrgidos de cristais, quando começava o calor, e os criados abriam as grandes janelas, tiniam com uma música infantil. Mas em seu quarto, depois da morte do marido, Lucida povoou as paredes com o seu novo amor: espelhos de todas as formas e tamanhos, limpidíssimos, olharam de todos os lados e o mais fiel foi colocado acima da cama para substituir o teto do baldaquino, de tal forma que Lucida, deitada, as roupas não mais necessárias, nele se contemplava e, das paredes, os outros espelhos roubavam o que podiam e se, pelos movimentos, certas belezas se escondiam, outras surgiam.

Na primavera os belos braços moveram-se nus, Lucida chamou para a vila o primeiro amante, ao qual seguiu-se um segundo e o primeiro disse palavras desesperadas, e Lucida, sorrindo, convidou os criados a afastá-lo.

¹ Bacharel em Inglês/ Português pelo Instituto de Letras da UFRGS. Atualmente aluna do Curso de Bacharelado em Letras – Português/ Italiano.

Lucca já formigava com rumores a seu respeito, como se previsse o futuro: que aquela mulher fosse o emblema da sua cobiça, sem, contudo, ser acompanhada pela grave ânsia do pecado.

Em 1600, os frades, os conventos, as cerimônias sagradas, o incenso, as monjas, as funções ordinárias e extraordinárias eram numerosas e intensas.

Lucida também, ao entrar na igreja, ungia os dedos na água benta, fazia o sinal da cruz, ajoelhava-se, elevando os longos cílios à Nossa Senhora e, afastando-se o povo à sua passagem, dirigia-se à poltrona da família pouco distante do altar maior. Devota, seguia o rito da missa segurando com as duas mãos o livro negro, mas quando tocava a primeira sineta, no Sanctus, uma luz alegre a iluminava e ela começava a folhear as páginas negras e, quando sentia com o dedo que faltava somente uma, detinha as mãos à espera, e na sineta da Consagração, enquanto a multidão em temente reverência inclinava a testa para o chão, enquanto todos curvavam-se como se quisessem esconder o corpo, de modo que somente a alma adorasse, Lucida abria o seu tabernáculo, descobria o espelho que substituíra uma das páginas do livro e, inebriada, admirava-se.

Noivas e mães choraram; Lucida já havia providenciado o alçapão, ela mesma havia ordenado e controlado os trabalhos; o ágil mecanismo, que devia ser tocado para que o pavimento se abrisse no vazio, era um frívolo enfeite escondido atrás de uma cortina; lá embaixo as lâminas novas pareciam rir à espera.

Em 1600, o dinheiro e a glória da estirpe eram uma lei inviolável. Geralmente a beleza é irmã da crueldade. Ainda hoje o povo lembra em voz baixa em que parte do castelo acontecia a tortura, por qual corredor ali se chegava, com que adulação Lucida levava o amante ao pavimento que estava por se abrir e como o convidava a permanecer naquele ponto, enquanto ela aproximava-se do gracioso enfeite que era acionado com um riso de escárnio abafado. Aliás, conta-se que, enquanto o enamorado esperava, Lucida era tomada por uma lufada de alegria desumana que a tornava mais bela do que nunca e o jovem, precipitando em direção às lâminas reluzentes, ao invés de gritar horrorizado, continuava a fitá-la embevecido.

No inverno, a grande lareira do quarto de Lucida inflamava todas as sedas, lançando na alcova feixes de raios vermelhos; no verão, enquanto no campo as cigarras enlouqueciam, Lucida ondulava sobre sua nudez as longas franjas de um leque e, a cada movimento, a respiração estiva era vencida por um sopro de primavera.

Depois de ter ouvido o último gemido, Lucida retirava-se então para sua alcova e, deitada à vontade, enquanto lá embaixo, ainda quente e já sem respirar, o belo jovem sorria com os braços abertos, ela revivia aquelas últimas horas, seguia atentamente a sucessão dos fatos e até sentia uma pontada de ternura materna, inesperada e bruscamente afastada e, fluindo o tempo, ultimado aquele prazer, enfim serena e desperta, chamava as criadas para cuidar da sua pessoa.

Mas, de resto, o alçapão raramente se abriu e somente para aqueles que, pobres e indefesos, haviam ousado fazer-lhe bater o coração.

Passaram-se anos e continuou insuperável o fascínio de Lucida Mansi; pela planície de Lucca já dizia-se que sua beleza havia vencido o tempo.

Mas em uma avançada tarde de verão, a noite prestes a preparar as lâmpadas, Lucida horrorizou-se com uma repentina descoberta: uma ruga, um sulco partia do ângulo externo da órbita, prolongando-se em direção à têmpora; aterrorizada, febrilmente, sem chamar o criado, acendeu os candelabros e, tendo aproximado espelho e rosto às chamas, quase queimando-se, olhou, olhou novamente, e ouviu o primeiro estridente grasnido da velhice; então, tomada por uma fúria minuciosa, observando-se por todos os lados, com olhos bem diferentes daqueles do passado, outras falhas descobriu; e apareceu-lhe a imagem fatal do futuro.

Durante toda a noite, presa de uma fantasia impiedosa, ouviu as risadas joviais das rivais até então táticas, escutou os elogios debochados sobre aquela que foi outrora a beleza de Lucida; agudo lhe chegou o grito selvagem das mães libertadas do pesadelo; enfileirados, passaram os homens, agora juízes equilibrados, todos com lábios irônicos pela comparação com a última mocinha encontrada; viu os criados da casa, os únicos que restaram, rirem atrás das portas e gargalharem na cozinha com os artifícios da patroa; e, de novo, de novo ressoou o trilar crepitante das alegres rivais; passaram fileiras de mocinhas, um ramalhete de flores apertado junto ao peito, mais frescas do que as flores.

Na manhã seguinte, com a majestosa autoridade intacta, deu ordens para que ninguém a visitasse.

Encerrada, serpente enroscada em si mesma, a cada segundo menos amorosos os espelhos, tomada por todo o tipo de reflexão, passaram-se trinta dias.

E em uma mesma tarde quente e avançada, no mesmo momento em que um mês antes havia descoberto o primeiro sinal infame, surgiu-lhe ao lado um belíssimo jovem que a olhava sem pronunciar palavra.

Tinha os olhos muito negros e luzidios pela dança de uma luz alegre que neles se refletia, a testa larga e de dimensão tão equilibrada que, ao contemplá-la, dava ao mesmo tempo uma sensação de pureza e de mal-estar, o oval do rosto era de uma delicadeza feminina, a boca voluptuosa e ávida não escondia o riso maligno e sardônico, as narinas do pequeno nariz estavam a ponto de fremir, encaracolados cabelos de um esplendor corvino acrescentavam uma moldura perfeita àquele rosto tão belo.

Estava vestido de veludo violeta e, embora não levasse consigo o sabre dourado, lembrava certos cavaleiros da República Vêneta em dia de grande cerimônia.

Lucida, nua, voltada para ele, apenas moveu o espelho para proteger a sombra mais pudica, nem se perturbou e, esquecida de seu desespero, sem

perguntar-se de que maneira aquele jovem havia surgido em seu quarto e porque lhe sorria como se a conhecesse há muito tempo, continuou a olhá-lo.

Naqueles momentos à beleza do rosto de Lucida somou-se, foi a única vez, a luz suave da piedade, era uma mulher humana e indefesa, pronta a servir de joguete do amor; continuava a olhar aquele jovem sem pronunciar palavra, pronta a aceitar tudo o que viesse dele, até as ofensas e as crueldades.

Ele disse: "Lucida, há vinte anos acompanho teus passos."

A voz que pronunciou estas palavras soou como um límpido e profundo acorde de uma harpa tocada por mão feminina, parecia ser o espelho da paisagem que se via além da varanda, com as plantas douradas pelo pôr-do-sol.

O jovem repetiu: " Lucida, há vinte anos acompanho teus passos; te amo desde quando, ainda menina, naquele dia bajulavas tua irmã para que te fizesse o retrato e soltaste os cabelos e te inflamaste em cada fração de ti mesma."

Continuou: "Sou o demônio, Lucida. Está na hora de casarmos. Vivi os teus crimes voluptuosos, não há pranto de mãe que eu não tenha ouvido, nem desesperada ira de noiva que não tenha acompanhado a cada passo, afetuosamente contemplei a profunda preocupação das irmãs. És o amor mais bonito que tenho neste século, há vinte anos que te amo, cada pensamento teu soa dentro de mim como um violino apaixonado. Não há um só momento destes teus últimos trinta dias que eu não tenha acompanhado: estão para consumir-se as nossas núpcias."

Lucida, nua, inflamando-se a cada sílaba, embora com os membros enregelados, o rosto ainda enfeitiçado com o rosto do jovem, esquecida do extremo pudor, distraidamente moveu o espelho da virilha em direção ao rosto.

"Deves casar comigo, Lucida, ou o espelho que te está próximo será teu inimigo."

E com aquela alegria que não é dos humanos, mas deles se nutre, continuou sobre aquela pobre carne: "Vim, Lucida, para te salvar, me darás tua alma e por trinta anos serás ainda a mais bela, até as mocinhas perderão o viço diante de ti. A tua corte resplandecerá como nunca, aquelas risadas que já ecoam aos teus ouvidos, aqueles olhares desafiantes que justamente imaginaste, vão se converter em súplicas lacrimosas; aquilo que fervia nos sonhos de tua adolescência e que só em parte viveste, vai se cumprir; serás igual a uma Vitória que voa com as vestes que a modelam. E, por tudo isso, deves dar-me somente a alma. Deves dizer somente: sim."

Lucida, os membros frios, olhando perdidamente o belíssimo jovem, suspirou o sopro do "sim". Imediatamente o diabo desapareceu. Imediatamente cada fibra de Lucida comparou-se à primavera. Ardentes, os espelhos assistiram ao renascimento. Banhada pelo resplandecente encantamento, Lucida levantou-se da alcova, disposta a executar cada pensamento que seu íntimo ordenava, triunfadora prisioneira de negras correntes, cada ato acompanhado por um eco consciente.

E assim por trinta anos.

É inútil contar os amores e os crimes, inútil porque as histórias tornam-se lentas quando só há o recitar de uma lista.

Não existe pecado que não se deva apresentar ao julgamento de Deus. Trinta anos são um mísero instante. Os pecados eternos batem infinitamente o martelo do tempo.

Em uma mesma tarde, no mesmo instante, trinta anos depois, surgiu o belíssimo jovem, que sorridente disse:

"Aqui estou, Lucida, vim, és minha, minha mulher. Repudiaste a ternura, a misericórdia, a piedade, vendeste o ouro dos sentimentos e pertences ao demônio, completamente, figura do meu estandarte. Vim te buscar, Lucida, soou a hora, me dá a mão."

Subitamente, em grossos vermes transformaram-se os belíssimos membros, subitamente foi como se já há trinta anos ela estivesse em poder da morte; o espelho não mais suspenso pela mão, curvou-se ela no úmido bafio, e em um estrondo que foi ouvido por toda a planície de Lucca, Lucida afundou no inferno.

Com aquele ruído assustador, guiados pela fumaça e pelo enxofre, os familiares correram aos aposentos de Lucida e, quando chegaram ao quarto dos espelhos, viram a alcova substituída por um antro profundíssimo. Desorientados, depois das exclamações, suspeitando secretamente da verdade, logo concordaram em propagar a notícia o mínimo possível e ordenaram à criadagem que tapasse logo aquele horrível negror. Esta pôs mãos à obra mas, com as primeiras sombras da noite, tudo aquilo que fora construído ruiu, e assim aconteceu no dia seguinte e nos outros que seguiram, e quanto mais eram amontoadas pedras e cal, ao anoitecer mais desabavam. (Ainda hoje o sopro do inferno sobe naquele quarto, sempre fechado, da vila Mansi).

Os familiares, aterrorizados pela verdade, prevendo o futuro, tentaram então fazer desaparecer qualquer recordação de Lucida, destruíram tudo aquilo que podia ser seu documento e também a data de nascimento e, já que não puderam destruir toda a página dos batismos daquele dia (30 de julho de 1603), com tinta rasuraram todo o espaço reservado ao registro do ato.

Mas não atingiram seu intento, porque Lucida não morreu.

Nas noites propícias, quando a lua está apagada e o céu, talvez e contudo desejoso, Lucida em uma carruagem de fogo, guiada pelo belíssimo jovem, percorre o caminho dos muros de Lucca e aqueles, especialmente os jovens, que têm a desventura de encontrá-la são por ela enfeitiçados; quem, através dos séculos, a viu e tenta descrever os detalhes de sua beleza, repete que os olhos assemelham-se ao retrato da irmã, para o sorriso inebriante e fulgurante, não encontram palavras, e igualmente indescritível é aquela cor levemente âmbar da pele, e todos dizem que Lucida tem na mão o espelho e somente uma deusa poderia ser tão bela. Ao aproximar-se o alvorecer, deixando uma coluna de fumaça, a carruagem

submerge no laguinho do jardim botânico, junto à parte interna dos muros, do lado ocidental.

Durante o dia, quem se debruça nas margens do pequeno lago e contempla com atenção amorosa, subitamente vê Lucida que sorri para si mesma, deitada na alcova do seu quarto de 1600.

O Telefonema de Natal

Autor: Alberto Bevilacqua

Tradução: *Silvia Catarina Rossi*¹

Orientação: *Profª Susana Termignoni*

Eu. Interessado que sou em mulheres, naquela véspera de Natal estava só.

A minha profissão? Escrevo histórias, especialmente sobre personagens femininos e reais, que sempre me oferecem novas surpresas. Tenho como clientes editores, produtores cinematográficos e teatrais, diretores de jornais. Alguns me pedem: “Uma história que me faça ficar de boca aberta.” E eu escavo no subsolo espetacular do Planeta-Mulher. Outros, ao invés: “Quero uma história que me divirta”. E eu procuro na extravagância feminina. Outros ainda: “Quero que você me faça chorar. Lembra daqueles choros sentidos de uma vez, que se faziam quem sabe até no escuro de um cinema, e que hoje não se fazem mais? Ah, a Garbo!” E eu procuro, entre os sentimentos frustrados, as solidões das minhas queridas amigas.

Quem faz o meu trabalho tem um pouco de cão de trufa. Para encontrar a trufa de qualidade — seja ela de Alba, amarelo ouro com raias brancas, símbolo de otimismo, ou de Norcia, verrugosa e escura — é preciso um olfato excepcional. Quando perco meu olfato e minha cabeça está vazia, penduro na porta o metafórico cartaz: “Fechado para férias mentais”. Nos dias que antecederam a véspera de Natal, eu tinha pendurado o cartaz. São casos em que minha angústia mental se projeta em um caos extremo. O caos, como um bumerangue, aumenta a angústia. Vivo só, desde que minha mulher se foi. Ninguém me ajuda a romper o círculo vicioso. Acabo afundando na desordem.

Tinha distribuído presentes de Natal às minhas amigas fornecedoras de histórias. A cada uma um presente diferente, de acordo com o seu caráter. Mas eu não tinha recebido nenhum presente. Por outro lado, era justo: os seus presentes já me haviam sido concedidos. Espantava-me, contudo, que todas tivessem desaparecido de Roma: uma aqui, outra ali, em férias. Eu tinha telefonado, esperando passar o Natal pelo menos na companhia de uma delas. Mas a minha esperança frustrara-se. Estranho: pela primeira vez a idéia de passar o Natal sozinho deixava-me triste e lastimava o presente de Natal que não tinha recebido.

Aproximava-se a hora da janta e o telefone tocou. Era uma voz de mulher: “Você não me conhece.” Falou isso com graça. Em geral as desconhecidas são arrogantes. Como se a culpa de serem desconhecidas fosse minha. De qualquer

¹ Aluna do Curso de Bacharelado em Letras – Português/ Italiano, graduada em 1995.

maneira, nunca replique: “E o que quer de mim?” Somente quando não é feita, a pergunta recebe uma resposta solícita. Ao meu “Boa Noite”, cortês, a mulher afirmou: “Não quero nada. Simplesmente dizer-lhe que eu, ao invés, o conheço. Há anos. Sob os meus olhos, você se casou, fez sucesso, teve histórias com outras mulheres. Passou dos amores à solidão.”

Uma voz que vinha, percebi logo, de uma inteligência psicológica incomum.

“Responda a uma pergunta. Você acredita que uma mulher possa se apaixonar por um homem e viver este amor, com intensidade, justamente evitando com cuidado qualquer envolvimento com ele? Qualquer contato direto, mesmo o mais simples?”

“Distanzliebe”, respondi-lhe. “Amor à distância. Freud.... Forma idealizada de exaltação que tem por objeto personagens conhecidos. É platônica por força das circunstâncias, mas também por medo da desilusão que é justo esperar depois de cada supervalorização. Na gama dos fetichismos, o amor à distância reveste-se de um caráter todo particular.”

A desconhecida repreendeu-me: “Bobagens!”

Retomou o relato e percebi que, de fato, estava se empenhando em esclarecer um sentimento mais complexo.

“No início, procurei contatá-lo. Talvez para fazer amor com você. As coisas de sempre...”

“No início, quando?”

“Quando, de Parma, você veio para Roma. Era, olhe só, o Natal de 1960... Depois, como estava dizendo, descobri que o meu prazer consistia em deixar que você me escapasse da mão, até se tornar inatingível. De tanto ser a sua sombra, em algo bem diferente tinha-se transformado o objeto da minha sede amorosa.” A voz hesitou: “Eu queria ser o seu desconhecido. O desconhecido que acompanha cada um de nós, no qual nos refletimos, sem receber em troca nenhum sinal. Queria dar um corpo, o meu, ao seu desconhecido. Até porque a ele você se dirigia continuamente, escrevendo. Com os seus desafios quando estava eufórico. Com o desejo de desaparecer, anulando-se, quando estava deprimido... Conheço bem suas euforias e suas depressões. Assim, me parecia que eu estava lhe oferecendo um privilégio.”

“Que privilégio?”

“A desconhecida que o seguia e perscrutava com olhos humanos e auspiciosos.”

Fosse ou não verdade, a mulher revelava qualidade de pensamento, uma boa imaginação. “Imagino o que você está pensando”, continuou. “É a mitômana de sempre, com os desabafos de sempre: afetados, veleitários.” “Não”, menti parcialmente, “o que você está me contando é sugestivo. Exato: é uma sugestão... Mas gostaria de saber como se traduzia em fatos. O que você fazia concretamente para ser, conforme a sua expressão, o meu desconhecido?”

“Era testemunha assídua, principalmente dos comportamentos aos quais não se dá importância. Momentos de solidão em que parecia que estivesse perdendo o seu tempo. Relações banais com os outros. A parte da vida que consideramos desperdiçada na medida em que não a compartilhamos com ninguém por um objetivo qualquer. Talvez o mais desinteressado: uma amizade... Pois bem, aqueles comportamentos, aquelas relações, aquele tempo, eu os recolhia e os registrava, evitando que desvanecessem no nada. Eles adquiriam um sentido transformando-se em mim, a formiga das suas migalhas, em sentimentos de prazer ou de mágoa, às vezes de piedade... Eu era o seu pequeno Deus, você entende? Supondo que Deus exista, qual a sua função senão esta? Elaborar, na própria existência, aquilo que os homens crêem dispersar rumo à morte; levar em consideração os seus segredos desesperos; comunicar-se com seu terror de viver inaudíveis sobre a terra.”

“Quero uma prova concreta.”

Respondeu-me: “Uma janela, não distante das suas...”

“Mas qual janela?!” , reagi.

“Rua Dandolo”, continuou com calma. “Em Monteverde Vecchio, Roma. Eu também o espiava daquela janela.”

Revi o lugar. Quatro peças alinhadas. De um lado, davam para um corredor; do outro, para um pátio. Seguido ficava na janela que dava para o pátio. E o meu olhar corria para o alto, para uma janela precisamente à esquerda. O que me impelia a levantar os olhos? A figura parada atrás das vidraças, da qual nem ao menos tinha certeza? Ao invés de uma pessoa, podia tratar-se de um reflexo.

“Era você?”

“Eu”, repetiu docemente.

Eram os anos sessenta. Dez anos da minha vida, naquela casa da rua Dandolo. E agora a desconhecida evocava-me episódios e detalhes, aparentemente insignificantes, que eu tinha afastado da mente.

“Até mesmo quando você foi viver em outro lugar, eu o segui, sempre.”

Enquanto a noite de Natal se fazia mais escura, um balanço do que eu tinha sido, sem o saber, fluía dos tons daquela voz, que tinha o poder de me encantar.

Contra a depressão provocada pela solidão natalina, parecia-me que a existência, que havia passado, tivesse tido um sentido, tivesse sido iluminada por uma sua dádiva.

Perguntei-lhe: “E por que você me telefonou só agora?”

“Chegou o momento que eu esperava.”

“Que momento?”

“A sua solidão tornou-se profunda e irremediável. Sua falta de confiança no mundo, completa. Há muito tempo você não me dá mais nenhum pretexto para as minhas explorações e identificações. O seu pequeno Deus vagueia em torno do seu vazio...”

“E então?”

“Devemos recomeçar. O meu telefonema é o presente de Natal que ninguém lhe deu. O meu presente é uma história incomum, a minha, e ao mesmo tempo um mágico augúrio. Gostaria que brindássemos juntos a esta véspera de Natal.”

Uma garrafa de champanhe esperava, na cozinha, para ser aberta em companhia. Ao tirá-la do balde de gelo, tive a sensação de reanimar uma criatura que tivesse perdido toda a esperança. Duas rolhas saltaram do lado de cá e de lá do telefone.

“Feliz Natal”, disse-me a desconhecida.

“Feliz Natal”, respondi.

Toquei o fone com o copo cheio. Ela fez o mesmo. Este foi o nosso brinde.

“Você também está sozinha?”, perguntei.

“Certamente. Porque você está. Se uma grande planta perde a sua linfa, deixa cair suas folhas, ressecar seus galhos, até a plantinha parasita seca.”

A desconhecida desligou. Com um adeus.

No dia seguinte, fui até minha velha casa da rua Dandolo. O porteiro levou-me ao pátio. Indiquei-lhe a janela, à esquerda. Precisei ter coragem para explicar a situação. Sentia-me ridículo.

“É verdade”, respondeu-me. “Naquele apartamento vivia uma mulher. Deveria lembrar-se dela. Seguidamente o senhor a encontrava e a cumprimentava, embora distraidamente. Uma mulher graciosa, mas pequena e de aparência insignificante. Era muito amiga de sua mulher. Quando sentia-se sozinha, sua mulher subia até lá, para fazer confidências.”

“O senhor disse: *morava...*”

“Sim. Foi embora já faz tempo. Mais ou menos quando o senhor foi embora.”

“E agora, quem mora lá em cima?”

“Ninguém. O apartamento está vazio.”

“Gostaria de visitá-lo. Importa-se?”

Subimos. Encontrei-me em grandes peças desertas. As paredes estavam atravessadas por faixas de umidade. No centro do que devia ter sido a sala de estar, uma garrafa de champanhe, dentro de um balde de gelo deixado no chão. Pedi ao porteiro que me deixasse só. Brindei sozinho. Brindei comigo mesmo, olhando para o pátio, observando a fachada em frente. Lá estavam as janelas, no segundo andar, atrás das quais tinha passado dez anos da minha vida. Havia uma família de desconhecidos que festejavam o Natal.

Andei pelas peças, até o cair da noite. Qualquer vestígio da mulher que tinha sido o meu desconhecido, o meu Deus, me emocionava. As marcas brancas deixadas pelos quadros retirados, pelos móveis; duas gaiolas enferrujadas onde, provavelmente, canários tinham esvoaçado; latas vazias, aqui e ali.

Revi a arvorezinha, ao fundo, entre as casas, com a forma de um Cristo suspenso na vastidão desolada de um pátio. Fui embora quando a lua despontou sobre aqueles galhos secos. Pensei: quem sabe se aquela arvorezinha poderá refloreecer. Seria preciso um milagre. No Natal os milagres são possíveis. Mas nem sempre é Natal.

Visualização dos Processos de Tradução: os Provérbios e as Expressões Idiomáticas



ENSAIO

Luís António de Fátima e Luís António
de Fátima
Luís António de Fátima e Luís António
de Fátima

Este ensaio tem como objectivo principal a visualização dos processos de tradução dos provérbios e das expressões idiomáticas. A análise dos processos de tradução é feita a partir de uma abordagem teórica que se baseia na teoria da tradução de Roman Jakobson. A análise dos processos de tradução é feita a partir de uma abordagem teórica que se baseia na teoria da tradução de Roman Jakobson. A análise dos processos de tradução é feita a partir de uma abordagem teórica que se baseia na teoria da tradução de Roman Jakobson.

A análise dos processos de tradução é feita a partir de uma abordagem teórica que se baseia na teoria da tradução de Roman Jakobson. A análise dos processos de tradução é feita a partir de uma abordagem teórica que se baseia na teoria da tradução de Roman Jakobson. A análise dos processos de tradução é feita a partir de uma abordagem teórica que se baseia na teoria da tradução de Roman Jakobson.

Visualização dos Processos de Tradução: os Provérbios e as Expressões Idiomáticas

Autoras: Graziella Tonfoni e Laura Turbinati

Tradução: Cláudia Bressan¹

Orientação: Prof^a Susana Termignoni

O problema da tradução dos provérbios e das expressões idiomáticas de uma língua de origem L1 para uma língua de chegada L2 é um tanto complexo. Tal complexidade encerra alguns aspectos típicos das expressões em questão como o seu caráter metafórico e idiomático. De fato, como afirma Arcaini (1986), a linguagem é, por sua própria natureza, um fenômeno antropológico.

Além disso, existem diferentes problemas que surgem durante o processo tradutório, tais como: os vários níveis de correspondência entre as expressões pertencentes à língua de origem e as eventuais expressões existentes na língua de chegada, a falta de expressões na L2 equivalentes às expressões na L1 e o problema de se conservar as eventuais relações contextuais no caso de referências literais.

A questão foi aqui abordada principalmente com base na teoria da paráfrase textual de Tonfoni (1986), teoria que tem suas raízes na lingüística textual, com especial referência a De Beaugrande e Dressler (1972).

Sob essa perspectiva, os provérbios e as expressões idiomáticas são analisados como textos, e como tais, essas expressões apresentam três níveis textuais: um nível sintático, um nível semântico e um nível pragmático.

1. O caráter metafórico

A tradução da metáfora comporta algumas dificuldades, justamente pela própria natureza da “figura lingüística”, que funciona transmitindo uma mensagem que é veiculada pela imagem expressa, mas que não corresponde literalmente àquilo que a metáfora apresenta. Em termos mais precisos, isso significa que não existe correspondência entre o nível semântico da expressão e o seu nível pragmático, correspondência que existe, ao contrário, nas expressões literais.

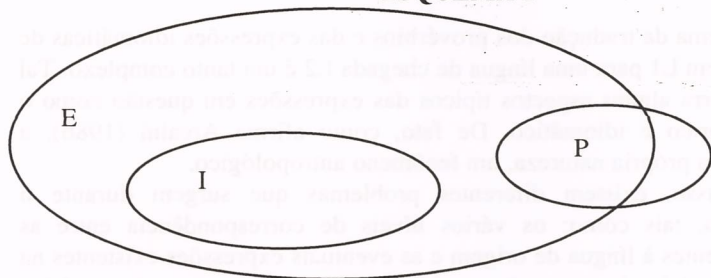
Segundo a teoria da paráfrase de Tonfoni (1986), para traduzir uma metáfora, nem sempre é suficiente uma transposição sintático-semântica da expressão em questão. Ao contrário, para se ter certeza de que a tradução será eficaz, é necessária, sobretudo, uma análise do nível pragmático. Antes de mais nada, deve-se identificar a mensagem contida na expressão metafórica, a fim de

¹ Aluna do Curso de Bacharelado em Letras - Português/ Italiano graduada em 1998.

transmitir a mesma mensagem na língua de chegada. Se possível, deve-se utilizar a mesma metáfora do texto de partida, caso contrário, deve-se transformar a “imagem metafórica” de forma que o conteúdo comunicado seja o mesmo da metáfora de partida.

Quanto à estrutura, os provérbios e as expressões idiomáticas não são diferentes das metáforas criativas. Com efeito, tais expressões podem ser consideradas subconjuntos do sistema que compreende as metáforas, conforme ilustrado no esquema abaixo:

ESQUEMA 1



E = expressões metafóricas

P = provérbios

I = expressões idiomáticas

Como se pode notar, uma parte do conjunto “provérbios” não pertence às expressões metafóricas, dado que existem provérbios que se apresentam na forma literal. A particularidade que distingue essas expressões das metáforas criativas é a estrutura sintática recorrente, normalmente memorizada pelo falante, o qual pode reconhecê-la como metafórica e idiomática sempre que se deparar com ela e associá-la imediatamente à mensagem por ela veiculada. Se, num primeiro momento, a operação de interpretação da expressão idiomática depende da análise da figura expressa, isto é, do nível semântico, num segundo momento, uma vez relacionada a um certo conteúdo, a expressão torna-se independente. Assim, o falante não precisa mais deduzir o conteúdo pragmático a partir do nível semântico da expressão, mas, dada uma certa expressão, ele percebe diretamente o sentido metafórico, sem analisar o significado literal.

A dedutibilidade do nível pragmático a partir do semântico pode ser um bom elemento no qual basear-se para uma eventual categorização das expressões idiomáticas, como se verifica em Turbinati (1991).

1. ALTA DEDUTIBILIDADE (expressão metafórica com nível pragmático imediatamente dedutível)

2. MEDIA DEDUTIBILIDADE (expressão metafórica com nível pragmático dependente do nível semântico)
3. BAIXA OU NENHUMA (expressão metafórica sem ligação aparente DEDUTIBILIDADE (entre o nível pragmático e o nível semântico)).

2. A idiomaticidade

O adjetivo “idiomático” indica uma particularidade. As expressões em questão são típicas de um certo sistema lingüístico, mesmo que, às vezes, possam ser, também, compartilhadas por sistemas lingüísticos diferentes.

Em linhas gerais, os provérbios podem ser reconduzidos a algumas estruturas textuais bastante rígidas como em Turbinati (1991), que representa as estruturas dos provérbios baseando-se no critério de representação textual de Tonfoni (1990).

- | | |
|---|---|
| 1. PROIBIÇÃO | não agir desta forma (nesta situação) |
| 2. CONSELHO | agir desta forma (nesta situação) |
| 3. CONSTATAÇÃO DE UM FATO EXPERIENCIADO | isso (às vezes) age / não age desta forma
(não se pode agir desta forma (em certas circunstâncias)
é / não é útil agir desta forma (em certas circunstâncias) |
| 3. a) <i>Premissa - consequência</i> | como / quem / se / quando / tanto...
então / que... |
| 3. b) <i>Comparação</i> | isto é melhor / pior / como aquilo |
| 4. COPULA METAFÓRICA | isto é aquilo |

A idiomaticidade de certas expressões a serem traduzidas implica no fato de que, diferentemente das metáforas criativas, o conjunto do qual se podem escolher as expressões na língua de chegada é fechado, com um número finito de elementos. Essa não é a única desvantagem decorrente da idiomaticidade das expressões a serem traduzidas: é preciso considerar que essas expressões freqüentemente fazem referência a elementos estreitamente ligados à cultura de origem, a certas realidades e experiências típicas do povo que as produziu e, por isso, nem sempre é possível evocar esses valores na língua de chegada através de uma tradução literal. Para não perder as conotações típicas, eventualmente poderão ser utilizadas notas ou expansões explicativas dentro do texto na L2.

3. A correspondência entre L1 e L2

A correspondência entre os provérbios e as expressões idiomáticas na L1 e L2 pode se apresentar em vários níveis, que correspondem aos níveis de composição do texto segundo a hipótese textual. O caso mais simples de equivalência — e, portanto, de traduzibilidade — é aquele em que da expressão de partida se pode extrair diretamente a expressão na língua de chegada, baseando-se somente no nível sintático da expressão na L1 e reproduzindo-o exatamente na L2.

Assim, obtém-se uma expressão ou um provérbio equivalente em todos os níveis textuais. Tal caso pode ser ilustrado pelo seguinte exemplo, no qual é examinado o provérbio “Dog does not eat dog”:

- (1) E1 Dog does not eat dog
 ↓ ↓ ↓ ↓ ↓
 Si/Se cane non mangia cane : E22

 (E1 = expressão na L1 E2 = expressão na L2
 Si = nível sintático Se = nível semântico)

Um caso diverso se verifica, ao contrário, quando é necessária uma paráfrase semântica para obter a expressão de chegada. Este caso pode ser ilustrado pela tradução da expressão inglesa “To have one foot in the grave”:

- (2) E1 To have one foot in the grave
 ↓ ↓ ↓ ↓ ↓
 Si/Se avere un piede nella tomba
 ↓ ↓ ↓ ↓ ↓
 E2 Avere un piede nella fossa³

 ≈ = correspondência semântica

Neste exemplo, através de uma paráfrase semântica, substitui-se “grave” (it. tomba, port. tumba) por “fossa” (port. cova, buraco, cavidade), que tem um significado mais genérico em italiano, mas que, dentro do co-texto do provérbio, é equivalente a “tomba”. Uma paráfrase semântica revela-se útil em muitos casos de tradução de provérbios e expressões idiomáticas.

Às vezes, entre as expressões na língua de partida e de chegada não são necessárias paráfrases, mas sim elisões, acréscimos ou substituições de elementos não-equivalentes. Observemos, como exemplo, a tradução do provérbio inglês “One swallow does not make summer”:

- (3) E1 One swallow does not make summer
 ↓ ↓ ↓ ↓ ↓
 Si/Se una rondine non fa estate

² Este provérbio significa que os iguais se respeitam, algo como “Ladrão não rouba ladrão”.

³ “Estar com o pé na cova”.

- ↓ ↓ ↓ ↓ ≠
 E2 Una rondine non fa primavera⁴
 ≠ = não-correspondência semântica

Neste caso, os termos “summer” e “primavera” não têm em comum o nível semântico, mas são aqui substituíveis, uma vez que têm a função de indicar a estação na qual as andorinhas chegam ao país em questão, que é a primavera para a Itália e, o verão, para a Grã Bretanha. Este é também um exemplo em que o fato derivado da experiência típica de uma certa cultura influi sobre o conteúdo das expressões e, portanto, sobre a traduzibilidade para uma outra língua.

Um caso de elisão se apresenta no seguinte exemplo do francês:

- (4) E1 En Avril, ne te découvre pas d'un fil
 ↓ ↓ ↓ ↓ ↓
 Si/Se in aprile, non ti scoprire di un filo
 ↓ ↓ ↓ ↓ ↓
 E2 × Aprile, non ti scoprire × 5

 × = elisão

Podem se verificar, ainda, casos opostos, em que, ao invés de uma elisão, é necessário um acréscimo de elementos, como no caso abaixo:

- (5) E1 To split hairs
 ↓ ↓
 Si/Se spaccare i capelli
 ↓
 E2 Spaccare un capello in quattro⁶
 ≈ = correspondência semântica

Aqui, além de uma paráfrase semântica (substituição de um plural por um singular), a expressão italiana necessita de uma expansão em relação ao inglês.

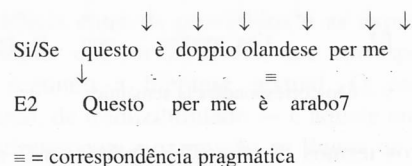
Um caso mais complexo ainda é verificado na tradução de expressões idiomáticas e provérbios que necessitam de uma paráfrase pragmática de um ou mais elementos. Um exemplo disso pode ser dado pela tradução da expressão inglesa “This is double Dutch to me”:

- (6) E1 This is double Dutch to me

⁴ “Uma andorinha só não faz verão”.

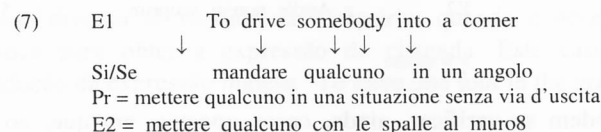
⁵ Literalmente, este provérbio admoestativo significa “Em abril, não se desagasalhe”, pois apesar de ser primavera na Europa, em abril ainda podem ocorrer baixas temperaturas.

⁶ Literalmente, este provérbio significa “ser excessivamente escrupuloso”. Talvez um possível equivalente poderia ser o provérbio “Ser mais realista que o rei”.



Neste caso, além de uma paráfrase pragmática, que permite substituir “double Dutch” por “arabo” (com o valor pragmático de “assunto ou linguagem incompreensível”), obteve-se uma paráfrase sintática, que desloca o complemento “to me” da posição final em inglês para a segunda posição em italiano.

Além disso, podem existir casos em que a paráfrase pragmática alcança unidades maiores que o lexema, até atingir o caso extremo em que é necessária uma paráfrase pragmática de toda a expressão na L1 para obter a expressão na L2 como, por exemplo:

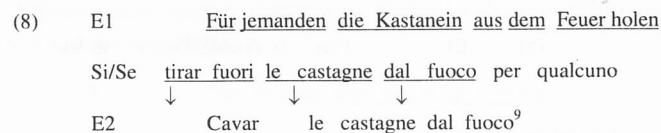


Todos os casos apresentados têm em comum a presença de uma correspondência entre as expressões na L1 e as expressões na L2, mas existem casos mais problemáticos, em que as duas expressões na L1 e L2 não são completamente equivalentes ou, até mesmo, faltam na L2.

A não-equivalência das expressões na L1 e na L2

Não obstante o fato de que muitas expressões são compartilhadas por vários sistemas lingüísticos, grande parte das expressões pertencentes a uma língua L1 não encontra uma correspondência exata em uma outra língua ou, até mesmo, não existe nenhuma expressão na língua de chegada que comunique a mesma “mensagem” contida na expressão da língua de partida.

Um exemplo de correspondência incompleta pode ser representado pela tradução da expressão alemã “Für jemanden die Kastanien aus dem Feuer holen”:



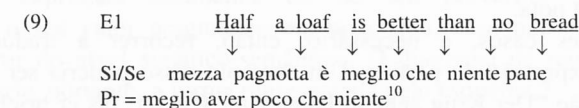
⁷ “Isso pra mim é grego”.

⁸ “Botar alguém contra a parede”.

⁹ “Tirar castanhas com mão de gato”.

Como se pode notar, para obter E2 é necessária uma paráfrase semântica (tirare fuori - cavar) e uma posterior modificação estilística (cavare - cavar). Mas o que falta ao provérbio italiano é o complemento que expressa o beneficiário (für jemanden - para alguém). A expressão italiana é, portanto, de significado mais genérico, e, para torná-la equivalente à expressão alemã, é necessário acrescentar tal complemento, que, todavia, não pertence de fato à expressão italiana. Esse inconveniente pode ser remediado, explicando em uma nota a diferença entre as duas estruturas, isto é, com uma expansão do texto.

Um caso mais complexo ainda se verifica quando a língua de chegada não possui uma expressão que comunique a mesma mensagem, sequer de forma incompleta. Um exemplo do gênero pode ser ilustrado pelo provérbio inglês “Half a loaf is better than no bread”:



Ora, não existindo um provérbio italiano que comunique a mesma mensagem, pode-se decidir por traduzir o nível sintático-semântico ou reproduzir na L2 o nível pragmático. Essa escolha depende em grande parte das possíveis ligações da expressão a ser traduzida com o contexto no qual tal expressão se encontra.

A referência ao contexto

Para assegurar uma boa tradução de provérbios e expressões idiomáticas, nem sempre é suficiente considerar as diversas correspondências entre as línguas envolvidas na tradução, mas é necessário, também, o recurso ao exame do co-texto ou do contexto situacional. Com efeito, o co-texto e o contexto podem, às vezes, impedir uma tradução baseada no nível pragmático, que substitui uma expressão na L1 pela correspondente na L2, conforme a mensagem comunicada. Se realmente existem estreitas ligações sintático-semânticas entre as expressões e o contexto, freqüentemente, se é obrigado a levar em consideração esse aspecto, “desviando” a tradução do nível pragmático para o nível sintático ou semântico.

Um exemplo concreto de um caso desse tipo é encontrado em uma situação descrita em um trecho de Alice's Adventures in Wonderland de L. Carroll, traduzido para o italiano (Le avventure di Alice nel Paese delle Meraviglie) por M. d'Amico:

¹⁰ “Antes pouco do que nada”.

Le sole due creature della cucina che non starnutissero erano la cuoca e un grosso gatto disteso sul focolare, con un sorriso che gli andava da un orecchio all'altro.

"Scusi, potrebbe dirmi, per piacere" disse Alice... "perché il suo gatto sorride in quel modo?"

"È un gatto del Cheshire" disse la Duchessa "ecco perché".

M. d'Amico explica, posteriormente, em uma nota, que tal resposta, aparentemente ilógica para o leitor italiano, justifica-se pela existência de uma frase idiomática inglesa: "To grin like a Cheshire cat" que significa "Rir como um gato de Cheshire". Neste caso, o tradutor decidiu conservar também a estrutura sintático-semântica da expressão, porque tal estrutura se refere ao gato do co-texto. Para remediar a incompreensibilidade da resposta, M. d'Amico obrigou-se a acrescentar uma nota.

Nesses casos, é necessário, então, recorrer à tradução sintático-semântica da expressão de partida. Um exemplo disso poderia ser a tradução do provérbio alemão "Der Krug geht so lange zum Wasser, bis er bricht" (o vaso vai tantas vezes à fonte, até que se quebra). Caso no contexto fossem citados um "Krug" ou "Wasser", dever-se-ia traduzir tal provérbio considerando não o nível pragmático, que resultaria no provérbio italiano "Tanto va la gatta al lardo che ci lascia lo zampino"¹¹, mas o sintático-semântico.

O caso é menos problemático quando na L2 não existe nenhum provérbio ou expressão idiomática que possa traduzir adequadamente a expressão na L1. Em tal eventualidade, deve-se, antes de mais nada, identificar o valor da expressão e, então, transpô-lo para a L2. Mas, se a estrutura sintático-semântica da expressão na L1 está ligada a um contexto, é necessário que ela seja reproduzida na L2, especificando em nota ou no texto que se trata de um provérbio ou de uma expressão idiomática e referindo em nota o valor pragmático de tal expressão, se ele não for facilmente intuível.

A visualização do percurso de tradução de provérbios e expressões idiomáticas

Em consequência das considerações precedentes, que dizem respeito aos problemas específicos da tradução de provérbios e expressões idiomáticas, elaborou-se aqui um modelo processual de tradução de tais expressões. Dado que a tradução comporta a aplicação de uma série de modelos de análise em uma certa sequência e em certas condições, deu-se ao referido modelo de tradução a forma de um diagrama de fluxo.

Com base na teoria da tradução como paráfrase de Tonfoni (1986), verificou-se que as expressões proverbiais e idiomáticas necessitam de uma

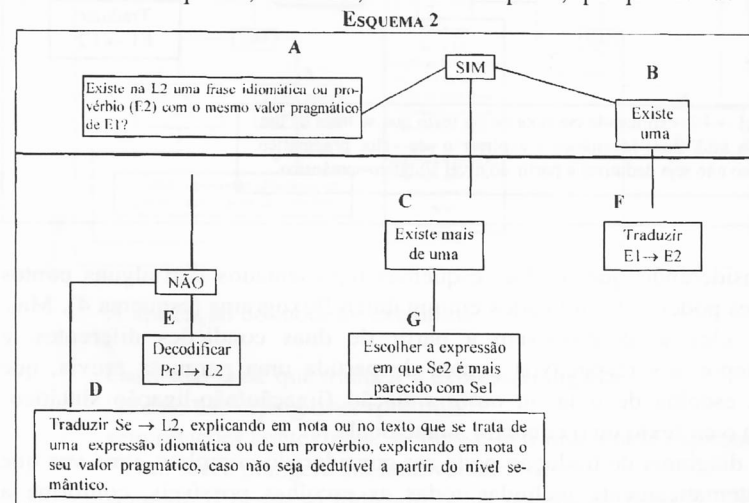
¹¹ Seguindo a lei da probabilidade, este provérbio explicita a idéia de que se alguém se expõe com frequência a situações de risco, uma hora acaba levando a pior.

tradução com base pragmática. Portanto, o primeiro questionamento a ser feito diante de uma dessas expressões é se existe uma expressão na L2, equivalente em nível pragmático.

Neste ponto, se a expressão existe na L2 e tem o mesmo valor pragmático, não é difícil concluir que a tradução mais apropriada de E1 será E2, isto é, uma frase idiomática ou provérbio na L2 com o mesmo valor pragmático de E1. Um problema ulterior pode surgir se a L2 possuir mais de uma expressão idiomática ou proverbial com o mesmo valor pragmático de E1. Nesse caso, a melhor solução seria escolher a expressão na L2 que compartilhe com E1 não só o nível pragmático (Pr), mas também uma parte ou todo o nível semântico (Se).

No caso de não existir nenhuma expressão proverbial ou idiomática com o mesmo valor pragmático, pode-se recorrer, ao contrário, à tradução do nível sintático-semântico de E1 na L2, especificando, porém, no texto ou em nota, que se trata de uma expressão idiomática ou de um provérbio e explicando, eventualmente, o seu valor pragmático em uma nota, caso não seja facilmente dedutível a partir do nível sintático-semântico. O diagrama de representação da tradução assumiria, portanto, a forma representada pelo esquema 2.

Tal esquema, contudo, não é completo, porque se deve considerar

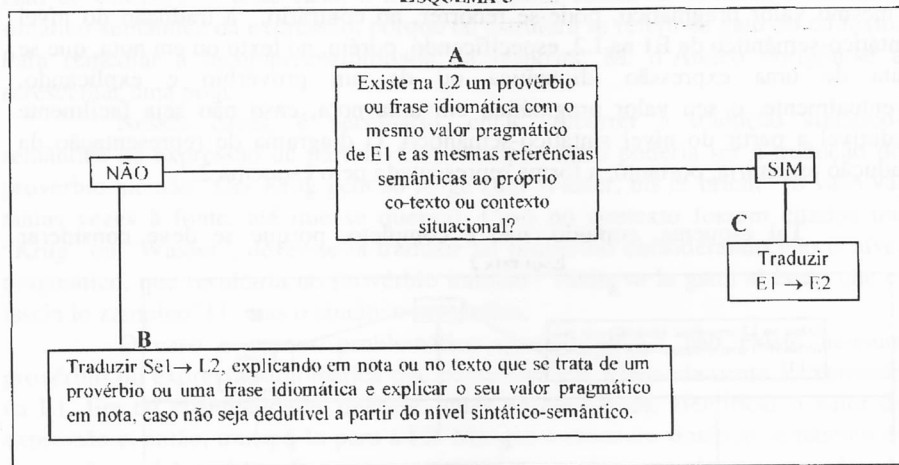


também o caso em que o provérbio ou a expressão idiomática em questão estão semanticamente ligados ao próprio co-texto ou contexto situacional. Se esse caso se verificar, a tradução deverá levar em consideração essa relação, preferindo uma transposição em nível sintático-semântico em detrimento do pragmático. Neste caso, então, mesmo que existisse uma expressão na L2 com o mesmo valor pragmático de E1, tal expressão (E2) não poderia ser considerada uma tradução

satisfatória de E1, a menos que tivesse condições de recriar as mesmas referências semânticas com o próprio co-texto ou contexto situacional que possui E1.

Caso tal expressão exista, ela será a tradução mais apropriada de E1. Caso não exista, a única escolha possível será uma tradução de E1 em nível sintático-semântico, com uma explicação dentro do texto ou em nota referente ao fato de que a expressão usada é um provérbio ou uma frase idiomática e uma explicação em nota do nível pragmático, se esse não for facilmente dedutível a partir do nível sintático-semântico de E1. Tal processo é representado no esquema 3.

ESQUEMA 3

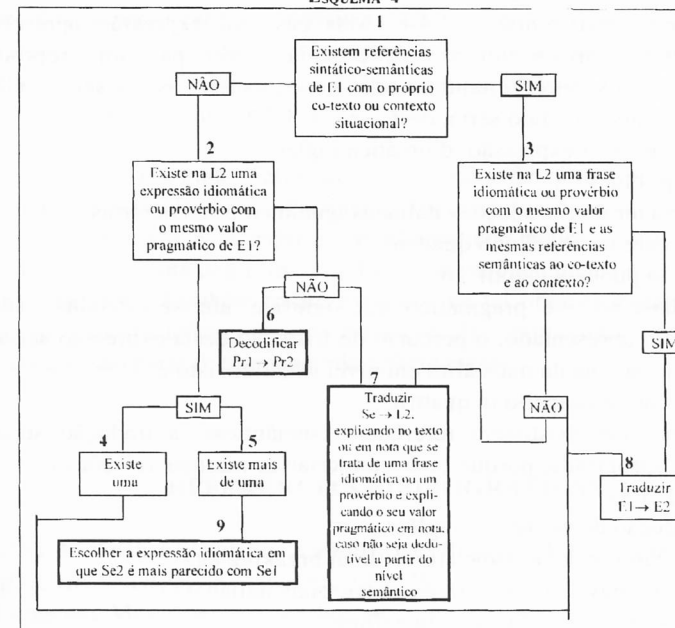


Considerando que os dois esquemas representados têm alguns pontos em comum, eles podem ser unificados em um único fluxograma (esquema 4). Mas, uma vez que eles se desenvolvem a partir de duas condições diferentes, é necessário antepor aos respectivos pontos de partida uma pergunta prévia, que leve, então, à escolha de uma ou outra situação (ligação/não-ligação sintático-semântica com o co-texto ou o contexto situacional).

Tal diagrama de tradução pode ser considerado completo, uma vez que nele estão sistematicamente incluídas todas as escolhas possíveis, conforme a referência a um contexto ou co-texto (pontos 1, 3), a correspondência pragmática entre E1 e E2 (pontos 2, 3) e a correspondência sintático-semântica entre E1 e E2 (pontos 3, 7). Além disso, tal diagrama não desconsidera casos como a correspondência não-biunívoca entre E1 e eventuais E2, E2', E2" ... (pontos 4, 5) e como a ausência de uma E2 com o mesmo valor pragmático de E1, permitindo que se obtenha um texto o mais equivalente possível, preenchendo as suas lacunas com explicações em nota ou no próprio texto (ponto 7).

Considerando, portanto, como prioritário o nível pragmático, mas levando em consideração o máximo possível os níveis sintático e semântico e o co-texto ou contexto situacional, este diagrama de tradução, que se apresenta como resultado da análise de Turbinati (1991), permite abordar todos os casos em que seja necessária uma tradução, tanto quanto possível satisfatória, de expressões idiomáticas e provérbios.

ESQUEMA 4



A aplicação do modelo: exemplos

Caso se tivesse que traduzir a expressão inglesa:

"It's no use crying over spilt milk"

sem relações contextuais, poder-se-ia traduzir pela expressão italiana

"Non serve piangere sul latte versato"¹²

segundo o percurso indicado pelas passagens 1-2-4-8. Uma vez que a expressão inglesa e a italiana têm em comum o nível sintático, mesmo no caso de existirem relações semânticas com um contexto, a tradução:

"Non serve piangere sul latte versato"

¹² "Não adianta chorar sobre o leite derramado".

seria apropriada, pois teria condições de recriar as mesmas relações. O percurso seria, portanto, 1-3-8.

Se, ao invés, se tivesse que traduzir o provérbio alemão:

"Der Apfel fällt nicht weit vom Stamm"¹³

dever-se-ia escolher, com base no seu nível pragmático (o filho se parece com o pai em muitos aspectos), o provérbio italiano:

"Tale padre tale figlio"¹⁴

conforme o percurso 1-2-4-8. Mas caso tal expressão apresentasse relações semânticas com um contexto, dever-se-ia desviar para uma reprodução semântica, pois a expressão italiana não pode recriar as mesmas relações semânticas. O percurso seguido seria, desta vez, 1-3-7.

A tradução da expressão idiomática inglesa:

"To split hairs"

poderia ter duas traduções italianas igualmente satisfatórias

"Spaccare un capello in quattro"¹⁵

"Fare la punta ai chiodi"¹⁶

com base no nível pragmático, que significa "ater-se a detalhes inúteis".

Segundo o modelo apresentado, o percurso de tradução desta expressão seria 1-2-5-9, que levaria à escolha da mais afim em nível sintático, isto é:

"Spaccare un capello in quattro".

Mesmo que existissem referências semânticas, a tradução seria, de qualquer forma, apropriada, porque poderia recriar as mesmas relações com o contexto (percurso 1-3-8).

A tradução do provérbio inglês:

"You can't make an omelette without breaking eggs"

resultaria nas duas expressões proverbiais italianas¹⁷:

"Non si può avere l'uovo e la gallina"

"Non si può avere la botte piena e la moglie ubriaca"

Segundo o percurso 1-2-5-9, escolher-se-á a sintaticamente mais próxima, mas desta vez, tal expressão não pode recriar as mesmas relações com o contexto, por isso se deverá seguir o percurso 1-3-7, que leva à reprodução semântica da expressão na L1.

Enfim, se a expressão a ser traduzida fosse o provérbio alemão:

"Ein blindes Huhn findet auch ein Korn"

¹³ "A fruta nunca cai longe do pé".

¹⁴ "Tal pai, tal filho".

¹⁵ Literalmente, significa: "dividir um cabelo em quatro".

¹⁶ Literalmente, significa: "fazer a ponta nos pregos".

¹⁷ A tradução literal das duas expressões é: "não se pode ter o ovo e a galinha" e "não se pode ter a pipa cheia e a mulher embriagada".

(Mesmo uma galinha velha pode encontrar um grão de trigo), não se teria nenhuma expressão italiana com o mesmo valor pragmático (às vezes, podem acontecer certas coisas que parecem impossíveis). Por isso, segundo o modelo aqui apresentado, poder-se-ia escolher entre a transposição na L2 do nível pragmático de E1 (percurso 1-2-6) ou a tradução de E1 com base semântica. A escolha será obrigatória, ao contrário, caso existam relações semânticas com um contexto, devendo-se escolher a tradução sintática (percurso 1-3-7). Os exemplos aqui apresentados representam os possíveis casos de tradução de provérbios e expressões idiomáticas que serão, portanto, traduzíveis segundo diferentes modalidades a partir das correspondências entre as línguas e das relações com um co-texto ou contexto situacional.

Nota: O estudo referente à tradução de provérbios e expressões idiomáticas foi extraído de: L. Turbinati, *Applicazione di un modello testuale di traduzione: i proverbi e le espressioni idiomatiche inglesi*: Tese de Graduação defendida na Università degli Studi di Bologna, na Faculdade de Letras e Filosofia em março de 1992. Também foram extraídos de tal obra os exemplos em língua inglesa, as classificações dos provérbios e das expressões idiomáticas e os esquemas que são parte fundamental da referida tese.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARCAINI, E. *Analisi linguistica e traduzione*. Bologna, Patron, 1986.
- DE BEAUGRANDE R. A. - DRESSLER W. U. *Einführung in die Testlinguistik*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag (tr. ingl. *Introduction to Text Linguistics*. New York, Longman, 1981), 1972.
- TONFONI G. *La traduzione come parafrase testuale*. "Materiali Universitari, Lettere, 62". Milão, Unicopli, 1986.
- _____. *Text Representation Systems*. Pesaro, Nobili, 1990.